

Bônus globais de US\$ 3 bilhões

O governo consegue o que quer: troca dívida velha e vende US\$ 750 milhões em dinheiro

Maria Clara R. M. do Prado
de Londres

O governo brasileiro conseguiu o que queria com a operação de troca da dívida externa, oferecida ao mercado há duas semanas, fechada na terça-feira e cujo resultado foi anunciado ontem.

A emissão acabou alcançando o valor máximo planejado pelo governo, de US\$ 3 bilhões em títulos de 30 anos, dos quais US\$ 2,25 bilhões foram trocados por bônus antigos do plano de renegociação da dívida externa, conhecido como Plano Brady, e o restante vendido em dinheiro.

Foram retirados do mercado US\$ 2,165 bilhões de bônus de desconto e bônus ao par, somando-se o valor trocado pelo novo bônus global e a pequena parcela daqueles

dois papéis (US\$ 1,524 milhão entre par e desconto) que foi recomprada mediante pagamento em dinheiro. Apenas US\$ 86 milhões foram trocados pelos bônus de capitalização (C-bond).

Era exatamente isso o que o Banco Central (BC) pretendia desde o início. Que o interesse maior do mercado pela operação de troca recaísse justamente sobre aqueles "bradies" que, embora sendo os mais longos (vencem em 2024), carregam a garantia dos títulos do Tesouro norte-americano, que dificulta a avaliação do risco Brasil neles implícita: são criaturas estranhas pois a própria garantia que trazem atrelada nada mais é do que a prova viva de todas as dificuldades externas vividas no passado pelo País.



Gustavo Franco

O Tesouro Nacional tem agora diante de si um horizonte mais descontaminado para trabalhar com prazos e rendimentos, formando referenciais de mercado para os papéis brasileiros no correr de uma mesma curva. Era isso o que o diretor de Assuntos Internacionais

do Banco Central, Gustavo Franco, sempre tivera em mente desde meados do segundo semestre de 1995 mas que acabou adiando, à espera das reformas fiscais estruturais que nunca vieram.

"Foi um sucesso. A demanda superou a oferta. É uma clara aposta dos investidores sobre o futuro do Brasil, sem nenhum temor sobre pequenos atrasos na aprovação das reformas no Congresso", disse Franco ao chefe de Redação adjunto da sucursal de Brasília, Ivanir José Bortot.

"Será mais fácil agora para o Brasil reduzir custos no futuro", atestou o economista responsável pela pesquisa do ANZ International Merchant Banking, Jerome Booth, que, no entanto, recomendou aos seus operadores não en-

trar na operação de troca de papéis, principalmente com os bônus de capitalização, os chamados C-bond. Muitos outros consultores e pesquisadores, de outros bancos de investimento, deram o mesmo conselho aos seus operadores, conforme se pode constatar pelo fato de que apenas US\$ 86 milhões da troca envolvam o C-bond.

O raciocínio é simples. Booth resumiu em poucas palavras: "O C-bond tem melhor taxa de risco, portanto é melhor (Cont. B-1)

A Petrobrás prepara-se para emitir bônus em iene, para o mercado japonês, conhecidos pelo nome de "samurais", em um montante equivalente a US\$ 250 milhões para resgate no prazo de seis anos. (Pág. B-3)■